

ORTEGA Y GASSET: EXCERTOS E CONCEITOS DE UM FILÓSOFO MARGINAL

ORTEGA AND GASSET: EXCERTS AND CONCEPTS OF A MARGINAL PHILOSOPHER

Antonio Charles Santiago Almeida¹

Recebido em: 07/2018
Aprovado em: 08/2018

Resumo: Pretende-se apresentar uma discussão de conceitos que são importantes para o expediente de do filósofo espanhol José Ortega y Gasset. Nesse sentido, destacam-se massas, minorias e circunstâncias. Desse modo, à luz de um entendimento conceitual, pode concluir de que existem distanciamentos entre o pensamento de Ortega y Gasset do pensamento marxiano e marxista, especialmente no que correspondem aos conceitos de massa e de minoria.

Palavras-chave: Massa, Minoria, Circunstância e Política.

Abstract: It is intended to present a discussion of concepts that are important for the expedient of the Spanish philosopher José Ortega y Gasset. Masses, minorities and circumstances stand out in this sense. Thus, in the light of a conceptual understanding, he can conclude that there are distances between Ortega y Gasset thinking of Marxian and Marxist thought, especially in what correspond to the concepts of mass and minority.

Keywords: Mass, Minority, Circumstance and Politics.

O pensamento orteguiano é, de acordo com Julián Marías (1991, p.35), semelhante ao iceberg, isto é, esconde-se nas águas e apresenta apenas partes ínfimas. É preciso atenção para mergulhar nas profundezas de textos que se esvanecem em forma de filosofia, sociologia e política. A grande questão para compreender o expediente orteguiano é justamente perceber como estão imbricados entre si os conceitos de Filosofia, Sociologia e Política.

No que concerne à filosofia proposta por Ortega y Gasset, é preciso pensá-la como parte integrante dessa nova dimensão política. Vale acrescentar que grande parte dos textos orteguianos fora publicado nos jornais e revistas de sua época e, posteriormente, alguns desses textos foram selecionados e agrupados pelo próprio autor em forma de livro. Por essa razão,

¹ Doutor em Educação e professor adjunto da Universidade Estadual do Paraná, Campus de União da Vitória e professor do Programa de Filosofia – PRO-FILO. sandiabo@yahoo.com.br

filosofia e política requerem mais do que uma leitura cuidadosa, mas um exercício de leitura no sentido de fazer as ligações entre os mais variados textos que circularam na imprensa madrilenha.

Na obra *Adão no Paraíso*, Ortega y Gasset apresenta a conexão entre vida e política. Política no sentido amplo, isto é, política como drama; por isso diz o autor, (2002, p.34), “quando Adão apareceu no Paraíso, como uma árvore nova, começou a existir isso que chamamos vida. Adão foi o primeiro ser que, vivendo, sentiu a si mesmo viver. Para Adão a vida existe como um problema”. O homem, somente este, reconhece a vida como problema, mas nem todo homem desafia o problema que a vida lhe impõe. Por essa razão, aparecem os tipos de homens, ou seja, homem-massa e homem-especial, pois nem todo homem é, para Ortega y Gasset, o novo Adão.

Decerto que a discussão de política em Ortega y Gasset necessita de explicações, pois é muito comum confundi-lo com os autores da teoria das elites ou ainda, relacioná-lo com o expediente marxista. A noção de política em Ortega y Gasset é tomada em sentido filosófico e por isso, adverte o próprio autor, a questão é conceitual e não estritamente política. Por essa razão, adverte o filósofo (1987, p.41), “para compreensão desse fato formidável convém, naturalmente, que se evite dar um significado exclusiva ou primariamente político às palavras ‘rebelião’, ‘massas’, ‘poderio social’, etc.”.

Não se deve relacionar o expediente político de Ortega y Gasset com a teorização marxiana e marxista, sobretudo no que diz respeito aos conceitos de massas e de minorias. O autor trabalha, no que concerne à tipificação de massas e minorias, com a noção de *qualitativo*, e não simplesmente de *quantitativo*. O conceito de massa é qualitativo e visual, e não pode ser pensado fora dessa perspectiva. Não se trata de observar a massa como aglomerado de pessoas que não dispõem dos mecanismos de controle sobre questões econômicas e sociais. A massa representa do indivíduo ao coletivo, e não tem qualidade específica, por isso é genérico aos demais homens ou grupos de homens. Adverte Ortega y Gasset (1987, p. 44):

[...] Desse modo converte-se o que era apenas quantidade – a multidão – em uma determinação qualitativa; é a qualidade comum, é o monstro social, é o homem enquanto não diferenciado dos outros homens, mas que representa um tipo genérico.

Há uma literatura muita específica que trata da conceituação desse termo – massa. No cenário político é bastante comum recorrer aos entendimentos marxiano e marxista para pensar ou repensar essa conceituação. Entretanto, é preciso fazer uma diferenciação desses autores

com relação ao filósofo Ortega y Gasset, pois o mesmo não fala de massa enquanto multidão, aglomerado, mas de uma maneira muito específica de ser, e por isso, é dentro dessa massa que se encontra o homem-massa. Mas, ainda que Ortega y Gasset não o reconheça, em algum momento de sua teoria a massa tem uma correspondência com esse expediente marxista - vão sustentar os leitores mais críticos do pensamento orteguiano. Todavia, a maior preocupação orteguiana era refletir, no seu tempo presente, o fato que para ele parecia formidável, a saber, o crescimento desse fenômeno denominado de ‘pensamento massa’, ou seja, desse homem-massa. Nas palavras do próprio Ortega y Gasset (1987, p. 41):

há um fato que, seja para o bem ou para o mal, é o mais importante na vida pública europeia do momento. Esse fato é o advento das massas ao pleno poderio social. Como as massas, por definição, não devem e nem podem dirigir sua própria existência, e muito menos reger a sociedade, a Europa enfrenta atualmente a crise mais grave que possa ser enfrentada por povos, nações ou cultura.

Nesse sentido, para o autor espanhol, a massa sabe que é massa, tem plena consciência disso, mas não se importa com esse fato; pelo contrário, ascende aos lugares que não lhe cabem, ou seja, nas palavras de Ortega y Gasset (1987, p. 42), “o que vemos, que nos surpreende tanto? Vemos a multidão, como tal, de posse dos locais e utensílios criados pela civilização”. Esta é a inquietação orteguiana, quer dizer, as massas, do homem singular ao seu coletivo, participando da vida pública, tomando decisões importantes no cenário político e, acima de tudo, decidindo e definindo os rumos da vida pública.

Na obra *Meditações de Quixote*, publicada em 1914, o autor faz referência à simultaneidade entre homem e circunstância, ou seja, a condição de homem, massa ou minoria, encontra-se imbricada com a sua realidade, mas adverte que não é a circunstância que determina o caráter do homem; pelo contrário, a configuração de um homem salutar é oriunda da reflexão e ação em torno da circunstância. Em outras palavras, na ontologia orteguiana (1967, p. 130), “eu sou eu e minha circunstância”. Mas esta conceituação não é tão simples, pois compreende uma temática no entorno do pensamento orteguiano. Para Margarida Amoedo (2002, p. 225), “praticamente todos os autores que estudam o pensador espanhol concedem, de uma ou de outra maneira, ao tema da circunstância um lugar de relevo que se deve a uma razão ainda mais profunda do que em muitos deles se explicita”.

Segundo a professora Margarida Amoedo é muito comum que leitores não especializados tomem a conceituação de *circunstância* como algo bastante simples, mas, ainda

de acordo com a professora, para os estudiosos essa temática é imprescindível para compreensão de boa parte da teorização política do filósofo espanhol. Isso porque, de acordo com Ortega y Gasset (1987, p. 93):

em princípio somos aquilo que nosso mundo nos convida a ser, e as partes fundamentais de nossa alma são imprimidas nela de acordo com o perfil de seu contorno, como se fosse um molde. Naturalmente: viver não é mais do que lidar com o mundo.

Essa passagem abre espaço para uma série de interpretações; primeiramente para uma espécie de destino, ou seja, o homem é condicionado pelo mundo e não consegue se desprender desse mundo. Dessa forma, numa leitura rápida, é possível configurar Ortega y Gasset como um autor fatalista; em outras palavras, defensor de uma ordem que se reproduz de forma espontânea e que se determina de fora para dentro. Por essa razão a assertiva: “Somos aquilo que o nosso mundo nos convida a ser”.

Numa leitura mais precisa e abastecida com o espírito do existencialismo filosófico pode-se chegar, com relação à assertiva orteguiana apresentada acima, a outras conclusões: “Viver não é mais do que lidar com o mundo”. Este é o mundo circunstancial que compreende desde a existência singular até o seu entorno. E entorno são as possibilidades e as perspectivas disponíveis para essa existência singular, onde que cada sujeito se encontra. Dessa maneira, lidar com o mundo é uma lida pessoal e dramática, quer dizer, para Ortega y Gasset, dito na obra *Adão no Paraíso*, a vida é esse drama humano, (200, p. 34) “Adão no paraíso é a vida simples e pura, é o débil suporte do problema infinito da vida”. Não se pode atribuir fatalismo e destino ao pensamento orteguiano, pois a questão é filosófica e por isso reclama do leitor uma compreensão dinâmica e acurada dos conceitos que se relacionam entre si na formulação de um expediente sócio-filosófico, ou seja, na formulação de um novo existencialismo.

Assim, Adão, cada homem em sua singularidade, vive com o mundo, o seu mundo. E por isso, precisa lidar com ele, fazer escolhas e seguir a brevidade da vida, no sentido de acolher os resultados de suas escolhas. E, numa perspectiva orteguiana, esse Adão é o existencialista, o ser no mundo com um mundo pessoal, um mundo intransferível, e a função dessa existência é viver nesse mundo, lidar com esse mundo – uma espécie de relação cotidiana entre existência e circunstância. Para Ortega y Gasset (1987, p.78), pioneiro de um novo existencialismo circunstancial, “viver é sentir-se *fatalmente* forçado a exercer a liberdade, a decidir o que vamos ser neste mundo. Não há um momento de descanso para nossa atividade de decisão. Inclusive quando, desesperados, nos abandonamos à sorte, decidimos não decidir”.

De acordo com esse existencialismo circunstancial de Ortega y Gasset o homem é um sujeito de ação, de decisão, e não deixa de ser responsável direto pela sua condição existencial. Entretanto, a circunstância, lugar de possibilidades e perspectivas, pressiona-o cotidianamente no sentido de fazer dessa existência uma biografia; em outras palavras, homem e circunstância vivendo e se desenvolvendo simultaneamente. Por isso a condição de ser homem é atrelada diretamente à condição circunstancial. Dessa maneira, mesmo havendo a liberdade do ser existente, ele, o homem, limita-se às perspectivas e possibilidades de seu entorno. Nesse sentido, assegura Ortega y Gasset (1987, p. 150), “a rigor, a rebelião do arcanjo Lúcifer não teria sido menos grave se em vez de procurar ser Deus – o que não era seu destino – tivesse procurado ser o mais insignificante dos anjos, que tampouco era”.

Conforme a citação apresentada acima é possível que se compreenda a palavra “destino” como vocação, quer dizer, vocação como escolha a partir das possibilidades e das perspectivas. Por isso, o homem é um ser nobre, um novo Adão, mas que, diante da circunstância, escolhe ou não essa dimensão de nobreza, pois é de sua natureza a liberdade, ou como queira, o direito de fazer escolhas e tomar decisões. Mas, a partir da metáfora, Lúcifer não conhecia as suas possibilidades e perspectivas, pois aventurou-se em algo que fugia de seu entorno, de sua condição real e existente. Ele, o anjo de luz, arriscou-se numa luta inglória e por isso fracassou, quer dizer, ao homem compete conhecer a sua circunstância, reconhecer a sua vocação e vivê-la radicalmente.

Nesse sentido, para Ortega y Gasset, esta relação entre existência e seu entorno passa a vigorar como noção de perspectiva política, isto é, do eu que é independente da realidade, mas que não vive sem uma relação direta com a circunstância-mundo. E circunstância é pensada e comparada com habitação, isto é, morada, realidade em que se encontra o sujeito, e por isso a circunstância não é sujeito em si, mas algo fora dele, ligado a ele, que pode, dependendo das escolhas, determinar ou ser determinada. Nas palavras de Ortega y Gasset (1987, p.77):

a vida, que é antes de tudo o que podemos ser, vida possível, também é, por esse mesmo fato, decidir entre as possibilidades o que de fato vamos ser. Circunstância e decisão são dois elementos essenciais de que se compõe a vida. A circunstância – as possibilidades – é o que nos é dado e imposto em nossa vida.

O projeto iniciado na obra *Meditações de Quixote* é de compreensão do homem com o seu entorno, em outras palavras, com a sua circunstância. Essa relação se traduz em salvamento da realidade social e política, outrossim, da situação educacional em que se encontrava a

Espanha de sua época. Todavia, a discussão, no sentido político, não se esgota na obra *Meditações de Quixote*, e ganha novos contornos nas obras seguintes. Ferrater Mora, filósofo da Escola de Madrid, assinala que após a obra *Meditações de Quixote* acontece, nos escritos orteguianos, a passagem do subjetivismo para o perspectivismo filosófico.

Dessa forma, *Espanha Invertebrada*, obra de perspectivismo político-filosófico, retoma e expande alguns conceitos trabalhados anteriormente. É justamente nessa obra que o autor desenvolve a reflexão de *minorias* e de *massas*. E de forma muito singular é na segunda parte da obra mencionada, que se intitula de *a ausência dos melhores*, que se inicia a reflexão em volta do problema denominado de *minorias* e *massas*. Por isso, assegura Ortega y Gasset (1959, p.88), “hoje não há homem na Espanha”.² Desse modo, para Ortega y Gasset, a Espanha vive o império brutal das massas, quer dizer, não há um ideal de nobreza³, grandeza e entusiasmo para com os destinos da Espanha no seu momento presente. O que existe é um nivelamento⁴ dos indivíduos em que todos ou quase todos são tomados pelo sentimento da *massa*, isto é, do esvaziamento da singularidade; da irresponsabilidade e da falta de compromisso para com os destinos de uma Espanha grande e nobre. Por isso a metáfora: “*Invertebraram a Espanha*”.

A Espanha, de acordo com Ortega y Gasset, vive a sua invertebração, ou seja, o império brutal das massas determina os destinos da Espanha. Para Ortega y Gasset (1959, p.95), “uma nação é uma massa humana organizada, estruturada por uma minoria de indivíduos seletos.”⁵ Mas a Espanha, ainda segundo Ortega y Gasset, destoa desse ideal e vive em função das massas, ou seja, as massas assumiram os destinos de seu país e imprimiram o ritmo civilizacional.

Esta realidade em que se encontrava o autor espanhol fez dele um pensador de sua circunstância, quer dizer, a circunstância da Espanha se fez como problema filosófico e político para esse autor. E por isso, sua produção teórica fora destinada à compreensão e transformação

² O texto é traduzido direto do original, isto é, do espanhol.

³ Há uma forte dose da filosofia nietzschiana. Não só no que diz respeito à noção de nobreza, mas também no sentido da perspectiva, isto é, para Ortega y Gasset, semelhante ao pensamento do filósofo Nietzsche, o perspectivismo é a forma que o homem singular tem de ver e fazer o mundo, isto é, não se trata de uma observação do mundo, mas de uma construção de mundo. Nobreza, no sentido proposto por Ortega y Gasset, representa exigência e obrigação, pois ser nobre não significa apenas ter direitos e privilégios. Para corroborar essa concepção, o pensador espanhol (1987, p. 97) faz uso da assertiva de Goethe, de que “viver à vontade é de plebeu: o nobre aspira à ordem e à lei”. O nobre deve viver esforçando-se cotidianamente para transformar as circunstâncias e, como privilégio, não deve esperar riquezas, favores, mas conquistas cotidianas. (Cf. ALMEIDA, Conceitos políticos em Ortega y Gasset, 2007, p.73)

⁴ Na obra *A Rebelião das Massas* o autor faz uma provocação a esse nivelamento. De acordo com o autor Ortega y Gasset, (1987, p.56), “vivemos uma época de niveleções: nivelam-se as fortunas, nivela-se a cultura entre as diferentes classes sociais, nivelam-se os sexos. Pois bem: nivelam-se os continentes”. Uma espécie de nivelamento do indivíduo – uma mordaz crítica ao modelo de sociedade em que se igualam os tipos humanos sem a percepção de que são diferentes em pensamento e ação.

⁵ Tradução nossa direto do original.

dessa realidade circunstancial.

A produção teórica de Ortega y Gasset se encontrava nos jornais, revistas e conferências, tudo isso direcionado para um público espanhol. O filósofo espanhol atinava constantemente para o fato de que o problema dorsal da Espanha era muito mais do que um problema de política, quer dizer, segundo Ortega y Gasset, (1959, p. 96), “quando o que está mal em um país é a política, pode-se dizer que nada se encontra muito mal. Este mal é ligeiro e transitório, posso garantir que o corpo social se regulará a si mesmo um dia ou outro.”⁶

A provocação era sempre no sentido de inquietar o homem, o Adão despossuído de seu drama humano, isto é, da vida como razão última. Sabe-se que a realidade política era, no tempo de Ortega y Gasset, um grande problema⁷, mas essa era, para o filósofo espanhol, uma questão secundária, pois a raiz disso, ou seja, dessa realidade política, encontrava-se na *massa* como legitimadora dessa problematidade e, além de tudo, num governo tipicamente de massa. Dessa maneira, segundo Ortega y Gasset (1959, p. 96), “assim, quando em uma nação a massa se nega a ser massa, isto é, a seguir a minoria diretora, a nação se desfaz, a sociedade se desmembra, e sobrevém o caos social, a invertebração histórica.”⁸

Essa reflexão é certamente pavorosa e, para alguns leitores, conservadora. Para esse autor a invertebração é, justamente, o deslocamento das massas no cenário público, isto é, as massas não deixaram de ser massas, mas avançaram no sentido de comandar e operar os destinos da Espanha. O resultado é, para esse autor, a invertebração política, ou seja, a sociedade se desfaz com a barbárie do cotidiano, com a vulgaridade política e com o desmantelamento das instituições públicas.

Não é sem razão que sobrevém para esse autor as críticas no que concerne a sua teorização política. O universo acadêmico é, quase sempre, tratando-se da conceituação de *minorias* e *massas*, evocado pelo expediente marxista. E Ortega y Gasset articula uma discussão de obediência das massas para com as minorias e, como se não bastasse, fala de uma atitude de rebeldia das massas e de não aceitação de sua condição de ser massa. Por isso, dito anteriormente, advém, para o filósofo espanhol, o título de filósofo elitista e de conservador.

Decerto que a assertiva é, sem dúvida alguma, provocativa. A mesma faz parte do segundo momento da obra *Espanha Invertebrada*, que se intitula de império das massas. É bom lembrar que, para esse autor, o problema espanhol ultrapassa a política na medida em que a

⁶ Tradução nossa direto do original.

⁷ Problema no sentido de corrupção, desorganização, desarticulação política e conservadorismo.

⁸ Tradução nossa direto do original.

própria noção de política é secundária, ou seja, ela, a política, é fruto de um modelo de homem que se tornou peça capital da engrenagem da vida humana, o homem-massa.

No passado, para Ortega y Gasset o homem-massa respeitava os limites da vida, subordinava-se às instâncias superiores e, agora, na sociedade contemporânea, rebelou-se, como esclarece o filósofo Ortega y Gasset (1987, p.94), “viver é não ter limites algum, portanto, é abandonar-se tranquilamente a si mesmo. Praticamente nada é impossível, nada é perigoso e, em princípio, ninguém é superior a ninguém”.

O homem-massa, de posse de um nivelamento filosófico, igualou-se aos homens de moral nobre, tornou-se senhor de si mesmo e, como se não bastasse, dos destinos da própria sociedade. A vida tornou-se vulgar, ou seja, perdeu a magnitude do mistério, do drama, da aventura, da singularidade e da nobreza.

Esta é a condição vulgar de vida que executa o homem-massa, porque a sociedade contemporânea, por meio de suas possibilidades circunstanciais, oferece plena liberdade para esta nova modalidade de vida que opera o homem-massa. Ortega y Gasset (1987, p. 14) caricaturiza a presença do homem-massa na sociedade contemporânea da seguinte maneira:

[...] um homem feito de pressa, montado simplesmente sobre poucas e pobres abstrações e que, por isso, é idêntico de um extremo ao outro da Europa. A ele se deve o triste aspecto de asfíxiante monotonia que a vida vai tomando em todo o continente. Esse homem-massa é o homem previamente esvaziado de sua própria história, sem entranhas de passado e, por isso mesmo, dócil a todas as disciplinas chamadas irracionais.

Este homem, que corresponde não só ao homem da multidão, mas também ao burguês, ao técnico, ao especialista⁹ e tantos outros que não compreendem a dimensão dramática da vida, é o responsável direto pela decadência da civilização contemporânea. Isso porque, para Ortega y Gasset (1987, p. 91), “nas agitações provocadas pela escassez as massas populares costumam procurar pão, e o meio que empregam costuma ser o destruir as padarias”. A metáfora ajuda a

⁹ No capítulo doze da obra *A Rebelião das Massas* o autor faz a seguinte reflexão: A barbárie da especialização. Para Ortega y Gasset (1987, p. 144), “pois bem: acontece que o homem de ciência atual é o protótipo do homem-massa. E não por causalidade, nem por defeito unilateral de cada homem de ciência, mas porque a própria ciência – raiz da civilização – converte-o automaticamente em homem-massa, isto é, faz dele um primitivo, um bárbaro moderno.” A dissertação de mestrado defendida no ano de 2007, intitulada de *Conceitos Políticos* na obra de Ortega y Gasset, faz uma análise interna da obra e comenta cada capítulo, e o autor da dissertação adverte: “no entanto, o agente da ciência foi reduzido a uma capacidade ínfima de compreensão, ou seja, o homem se recolhe ao dado científico e não consegue perceber nada que se encontra ao seu redor. Nesse sentido, assegura-nos Ortega y Gasset: ‘é um homem que, de tudo o que deve saber para ser um personagem discreto, conhece apenas uma determinada ciência, e mesmo dessa ciência só conhece bem a pequena parte de que ele é um ativo pesquisador’”. Cf. ALMEIDA, Antonio Charles Santiago. *Os conceitos Políticos em Ortega y Gasset*, 2009. 108 f. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP.

compreender o que representa o homem-massa para a sociedade contemporânea. A falta de criticidade, de organização política e, sobretudo, comprometimento com a realidade depõem contra essa espécie de homem e o configuram como *homem-massa*; em outras palavras, despossuído de singularidade e de competência¹⁰ para com os problemas do cotidiano.

No reverso da discussão tipológica encontra-se o homem-especial. Ortega y Gasset (1987, p. 45) define esse homem da seguinte maneira:

quando se fala de minorias especiais, a habitual má-fé costuma distorcer o sentido dessa expressão, fingindo ignorar que o homem-especial não é o petulante, que se julga superior aos outros, mas o que exige mais de si mesmo que a maioria, ainda que não consiga atingir essas exigências superiores.

Pois bem, a minoria, ou ainda, o homem-especial, é, no entendimento orteguiano, o que compreende a vida como drama, isto é, esforça-se como um novo Adão, homem novo que se aventura na vida, mas com responsabilidade, sacrifício e dedicação aos ideais de grandeza, de nobreza e de cultura. Decerto que o conceito de homem-especial, semelhante a muitos outros conceitos orteguianos, recebe críticas e é tomado no sentido marxista, ou seja, é muito comum que leitores façam relações entre o homem-especial e o homem burguês; isso porque a noção de homem-especial, nobreza e minoria seleta remete, quase sempre, a uma literatura marxista, mas, conforme dito anteriormente, não se trata disso e, nem de longe, é possível qualquer relação nesse sentido.

O homem-especial é, sem dúvida, um nobre. E nobre não quer dizer no sentido hereditário; pelo contrário, nobre é o sujeito que exige de si, que se esforça cotidianamente para ser diferente e especial. Por isso, adverte Ortega y Gasset: (1987, p. 96)

é irritante a degeneração sofrida por uma palavra tão inspiradora como ‘nobreza’, no vocabulário usual. Porque o fato de significar para muitos ‘nobreza de sangue’, hereditária, a transforma em algo parecido com os direitos comuns, em qualidade estática e passiva, que se recebe e transmite como uma coisa inerte. Mas o sentido próprio, *etymo* do vocábulo ‘nobreza’, é essencialmente dinâmico. Nobre significa o ‘conhecido’, entenda-se o conhecido por todo mundo, o famoso, que se fez conhecer por sobressair da massa anônima. [...] Nobre, portanto, equivale a corajoso ou excelente.

¹⁰ Numa nota de rodapé o filósofo espanhol Ortega y Gasset (1987, p. 95), no texto *A Rebelião das Massas*, diz que: “é intelectualmente massa aquele que, diante de qualquer problema, contenta-se em pensar no que já tem pacificamente em sua cabeça. É egrégio o que, ao contrário, desconsidera o que se encontra em sua mente sem esforço prévio, e só aceita como digno dele o que ainda está acima dele e exige uma nova caminhada para alcançá-lo”. Essa discussão já fora efetivada em momentos anteriores e serve para reafirmar que massa não pode ser reduzida a idéia de povo ou multidão apenas.

O expediente conceitual orteguiano é provocativo e suscita aprofundamento no sentido de estabelecer relações entre si, isto é, de compreender os conceitos dentro de uma literatura específica, bem como de um estilo bastante próprio de teorização. Por essa razão o homem-especial, intitulado de nobre, deve ser o conhecido e o extraordinário no que diz respeito a sua condição singular de aventurar-se na vida, na excelência das ações e, acima de tudo, na sua capacidade de interferir nas circunstâncias de forma positiva, ou seja, transformando-a em benefício do que é egrégio.

Assim, o nobre, no entendimento orteguiano, não pode se reduzir a uma condição econômica, social ou mesmo política; pelo contrário, para Ortega y Gasset (1987, p.96), “o nobre originário se obriga a si mesmo, e o nobre hereditário é obrigado pela herança”. Não se pode pensar o homem-especial como o burguês, ainda que o burguês ou o proletário possam e devam ser esse tipo específico de homem, mas não é verdade que o homem-especial é simplesmente o burguês; pelo contrário, é, dito pelo filósofo espanhol, especial o homem que se obriga a si mesmo. Essa obrigação é, no sentido filosófico, a vocação de nobreza de que todos dispõem, mas que nem todos assumem como parte de sua vida circunstancial.

E para desmistificar qualquer tentativa de elitismo, com relação ao conceito de nobreza, alerta Ortega y Gasset (1987, p. 96), “os chineses, mais lógicos, invertem a ordem da transmissão, e não é o pai quem enobrece o filho, mas é o filho que, ao conseguir a nobreza, a transmite para seus antepassados, fazendo sobressair sua estirpe humilde através de seu esforço”. Não resta dúvida de que a discussão orteguiana ultrapassa, do ponto de vista conceitual, o elitismo de uma classe no sentido de fazer defesa das hereditariedades com relação à nobreza. Por essa razão, qualquer tentativa de aproximar esse tipo específico de homem com o homem burguês, no sentido marxista, é infrutífera.

Há um capítulo na obra *A Rebelião das Massas* que se intitula Vida Nobre e Vida Vulgar, ou esforço e inércia. E nesse capítulo o autor relaciona a vida nobre ao esforço, sacrifício e vitalidade para com a circunstância. Adverte Ortega y Gasset (1987, p. 95):

Já o homem-especial ou excelente está constituído por uma íntima necessidade de apelar por si mesmo para uma norma além dele, superior a ele, a cujo serviço se coloca espontaneamente. [...] Ao contrário do que se costuma pensar, é a criatura de seleção, e não a massa, que vive em servidão essencial. Sua vida não tem sabor se não está a serviço de algo transcendente. Por isso não vê a necessidade de servir como opressão. Quando esta, por acaso, lhe falta, sente-se inquieto e inventa novas normas mais difíceis, mais exigentes, que o oprimam. Isso é a vida como disciplina - a vida nobre.

A circunstância, realidade em que cada sujeito se encontra, pressiona e apresenta-se como sacrifício para todos os indivíduos. Entretanto, somente o homem-especial sente-se inteiramente forçado a interferir e modificá-la no sentido de vocação. Por isso, esse homem não é outra coisa senão uma existência condicionada para a grandeza de uma vida nobre. E vida no sentido amplo, quer dizer, vida social, vida política e vida pública. E essa ação singular não é e não pode ser tomada como opressão, mas como ação, serviço e disciplina para com os ideais de sua existência circunstancial.

Por certo que a preocupação de Ortega y Gasset é muito maior em conceituar e definir nos jornais, revistas e conferências a tipologia de homem-massa, e por isso, quando aparece a tipologia de homem-especial é sempre numa tentativa de contraponto, ou seja, apresentar o reverso desse *homem genérico*. A intenção orteguiana é de se fazer denúncias desse fenômeno denominado de massa, ou seja, a rebelião das massas. Todavia, mesmo com espaços ínfimos com relação ao homem-especial, é possível, no interior do expediente orteguiano, caricaturar esse tipo especial de homem. Em outras palavras, existe, no itinerário orteguiano, a formalização do que se contrapõe a essa modalidade vulgar de homem, a saber, o homem-especial.

O problema da sociedade contemporânea é, para esse autor, além da rebelião das massas a falta desse homem-especial no centro da vida pública. No sexto capítulo da obra *Espanha Invertebrada*, o autor faz a seguinte provocação: Há na sociedade contemporânea uma ausência desse tipo de homem – o homem-especial. É certo que a provocação é, nesse texto específico, relacionada à realidade da Espanha.

Pois bem, fazendo outras leituras, de textos orteguianos posteriores, encontra-se a provocação estendida a outras realidades da Europa. Assim, na obra *A Rebelião das Massas*, o autor deixa claro que a massa, no passado, existia, mas era reduzida, sabia do seu papel e não participava da vida pública. Já na sociedade contemporânea, a massa¹¹ avançou e cresceu de forma, diz o autor, vertiginosa. Já a minoria seleta, no passado, conduzia os destinos da civilização e orquestrava as mudanças necessárias para uma vida nobre. No entanto, na sociedade contemporânea, ao contrário das massas, a minoria desapareceu e não assume a sua

¹¹Há uma citação no capítulo VIII de *A Rebelião das Massas* que reflete o avanço das massas, isto é, segundo Ortega y Gasset (1987, p. 103), “não é que o homem-massa seja idiota. Ao contrário, o atual é mais rápido, tem mais capacidade intelectual que o de qualquer outra época”. A citação é no sentido de apresentar como, na sociedade contemporânea, houve esse avanço, mas que, de acordo com o autor, não serve para muita coisa; apenas o fato serve como condição de relação entre as minorias e as massas, quer dizer, aponta como houve esse avanço do lado das massas e como retrocederam as minorias.

condição especial, restando, para a sociedade contemporânea, a rebelião das massas aos lugares específicos de uma minoria seleta. Assegura Ortega y Gasset (1987, p. 43):

De repente a multidão tornou-se visível, instalou-se nos lugares preferenciais da sociedade. Antes, se existia, passava despercebida, ocupava o fundo do cenário social; agora antecipou-se às baterias, tornou-se o personagem principal. Já não há protagonistas: só há coro.

Quanto às minorias, estas são, em alguma medida, responsáveis, pois não se fizeram representar ou, de maneira pessimista, deixaram de existir e restam, para a sociedade presente, as massas. Mas esta não é uma afirmação conclusiva no expediente orteguiano, ou seja, o autor fala de uma falta de força, de capacidade e de direcionamento por parte das minorias seletas e não do desaparecimento das mesmas; a questão é colocada no sentido provocativo pelo próprio autor.

Conclusão

A discussão que se pretendeu foi fazer uma análise do expediente orteguiano para, a partir disso, clarificar os conceitos de massas, minorias e circunstâncias, uma vez que tais conceitos são, quase sempre, associados ao expediente marxiano e marxista. Nesse sentido, foi possível perceber que Ortega y Gasset trabalha com filosofia e política a partir da resignificação de conceitos, ou seja, minorias e massas não podem, segundo este autor, ser pensados de forma política apenas, mas, sobretudo, no sentido filosófico, isto é, conceitual, como já apresentado no desenvolvimento deste trabalho. E ainda, faz-se premente, para compreensão da filosofia orteguiana, uma ligação entre os seus conceitos, pois, é sabido que os textos de Ortega y Gasset, quase que geral, foram publicados, primeiramente em jornais e revista de sua época e, posteriormente, tornaram-se livros.

Desse modo, de posse dessa leitura atenta do expediente orteguiano, foi possível compreender a importância desse autor para o debate acadêmico e, mais do que isso, fazendo uma leitura despreendida do arcabouço marxista, é possível compreender o que se denomina, segundo este autor, de império das massas, ou seja, o pensamento massa na sociedade moderna.

Bibliografia

ALMEIDA, Antonio Charles Santiago. **Os conceitos Políticos em Ortega y Gasset**, 2009. 108 f. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

– PUC-SP. 2009.

CARVALHO, José Maurício de. **Introdução à Filosofia da Razão Vital de Ortega y Gasset.** Londrina: Cefil, 2002.

FERRATER MORA. **José Ortega y Gasset etapas de uma filosofia.** Barcelona: Editorial Seix Barral S.A, 1958.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** São Paulo: Atlas, 2010

MARÍAS, Julián. **História da Filosofia.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____ **Acerca de Ortega y Gasset.** Madrid: Espasa Calpe, 1991.

ORTEGA Y GASSET, José. **A Rebelião das Massas.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.

_____ **adão no paraíso e outros ensaios de estética.** São Paulo, Cortez Editora, 2002.

_____ **España Invertebrada.** Madrid: Revista de Occidente en Alianza Editorial, 1959.

_____ **Meditações de Quixote.** São Paulo: Editora Livro Ibero Americano Ltda., 1967